

Justiça, paz e integridade da criação “Eis que eu renovo todas as coisas” Ap 21,5

Justice, peace and integrity of creation. “Behold, I renew all things” Ap 21,5

Pe. Ronaldo Mazula, CMF¹

Resumo

O artigo apresenta um breve quadro com tópicos de uma contextualização dos principais temas e reflexões atuais que nos convidam a perceber e acolher os apelos ou interpelações de Deus no mundo atual, acolhendo o convite do Papa Francisco a humanidade a repensar o seu modo de organização e a construir uma sociedade mais justa e fraterna. Depois, algumas propostas para que cada cidadão latino-americano possa colaborar no cuidado da Casa Comum e seguir **“sonhando com o outro mundo possível e necessário”** com processos transformadores de justiça e paz.

Palavras-chave: Justiça; Paz; Integridade da Criação.

Abstract

The article presents a brief picture with topics of a contextualization of the main current themes and reflections that invite us to perceive and welcome the calls or interpellations of God in the present world, responding to Pope Francis' invitation to humanity to rethink its way of organizing itself and to build a more just and fraternal society. Then, some proposals so that every Latin American citizen can collaborate in the care of the Common House and continue “dreaming of another possible and necessary world” with transformative processes of justice and peace.

Keywords: Justice, Peace, Integrity of creation

¹ **Ronaldo Mazula** é sacerdote missionário claretiano. Licenciado em História da Igreja (Gregoriana de Roma). Professor em várias faculdades e articulador de projetos solidários. Prefeito de Apostolado e vice-provincial dos Missionários Claretianos do Brasil-Moçambique. **Correio eletrônico:** ronaldomazula@hotmail.com

Neste novo milênio a humanidade tem convivido com grandes inovações, criações e novas possibilidades que confirmam um grande desenvolvimento técnico e científico. Novas tecnologias que ajudam na melhoria da vida humana e na busca de novas energias e progressos. Mas, vemos também que o progresso não traz benefícios para toda a humanidade e que vivemos uma espécie de um “grande oceano de misérias com algumas ilhas de prosperidade”.

E nestes tempos de COVID 19, percebemos muitos sinais de solidariedade humana, mas também, situações que demonstram a fragilidade mundial existente nos modelos econômicos e políticos e, também, nos modelos sociais e culturais contemporâneos. Diante disso, somos convidados a pensar novos processos e modos de organizar as relações humanas, tendo como princípio e motivação a dignidade humana, a paz e justiça social.

Nos últimos anos o Papa Francisco tem convidado a humanidade a repensar o seu modo de organização e a construir uma sociedade mais justa e fraterna. Seja em seus grandes escritos, como a *Evangelii Gaudium*, a *Laudato Sii*, a *Amoris Laetitia* e a *Querida Amazônia*, fruto do Sínodo da Amazônia de 2019, seja nos seus pronunciamentos e gestos, suas palavras tem forte apelo e acolhida. Francisco convida, de modo especial, a todos os batizados a recuperar e a renovar o essencial da vida cristã para ajudar na construção de um mundo que seja sinal do Reino de Deus. Convida todos a sermos agentes e defensores da vida digna para todos, sem exceção, com ações de justiça, paz e cuidado da obra criada, a nossa “casa comum”.

A **Laudato Sii** foi acolhida pelos ecologistas e movimentos que há décadas lutam pela “Integridade da Criação” e desejam uma transformação global a respeito da relação humana com a Mãe Natureza. Mas, houve também, aqueles que rejeitaram este documento, de modo especial, aqueles que são os predadores da Mãe Natureza e optam por uma economia e processo de industrialização e estilo de vida, incompatíveis com o respeito à vida humana e planetária.

Na mesma linha, a **Querida Amazônia** nos convida a sonhar com um mundo melhor e a cuidar deste imenso bioma sul-americano que é considerado o grande “pulmão da terra”. Papa Francisco fala dos 4 sonhos: SOCIAL (uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos originários, dos últimos, onde sua voz seja escutada e sua dignidade promovida); sonho CULTURAL (uma Amazônia que preserve essa riqueza cultural que a destaca, onde brilha de modos tão diversos a beleza humana); sonho ECOLÓGICO (uma Amazônia que guarde zelosamente a beleza natural que ela traz, a vida que enche seus rios e suas selvas); sonho ECLESIAL (com comunidades cristãs capazes de se entregar e de se encarnar na Amazônia, até o ponto de presentear à Igreja novos rostos com traços amazônicos).

Diante disso, creio ser oportuno fazer algumas perguntas a cada cidadão do continente americano. Como anda a sua relação e cuidado com a natureza e a Casa Comum? Como você ajuda a promover uma sociedade onde a justiça, a paz e a integridade da criação sejam valores presentes e assumidos por todos? Você trabalha numa linha de ‘manutenção’, ‘acomodação’, ‘assistencialismo’ ou a partir de processos de transformação que promovam a justiça e paz para todos?

Apresentarei um breve quadro com tópicos de uma contextualização dos principais temas e reflexões atuais que nos convidam a perceber e acolher os apelos ou interpelações de Deus no mundo atual. Depois, algumas humildes propostas para que cada cidadão latino-americano possa colaborar no cuidado da Casa Comum e seguir **“sonhando com o outro mundo possível e necessário”** com processos transformadores de justiça e paz.

1. JPIC, Justiça, Paz e Integridade da Criação, na América

No dia 21\12\1511, Antônio de Montesinos, frade dominicano, na República Dominicana, dava início à luta pelos Direitos Humanos, na América. Milhares de indígenas morriam violentados por causa da escravidão imposta pelos europeus. A comunidade dos freis, unida, após um discernimento sério e encarnado na realidade, à luz da fé cristã, iniciava o combate contra os abusos contra os indígenas. Assim pregou frei Montesinos:

«Todos vós estais em pecado mortal. Nele viveis e nele morrereis, devido à crueldade e tiranias que usais com estas gentes inocentes. Dizei-me, com que direito e baseados em que justiça, mantendes em tão cruel e horrível servidão os índios? Com que autoridade fizestes estas detestáveis guerras a estes povos que estavam em suas terras mansas e pacíficas e tão numerosas e os consumistes com mortes e destruições inauditas? Como os tendes tão oprimidos e fatigados, sem dar-lhes de comer e curá-los em suas enfermidades? Os excessivos trabalhos que lhes impondes, os faz morrer, ou melhor dizendo, vós os matais para poder arrancar e adquirir ouro cada dia... Não são eles acaso homens? Não tem almas racionais? Vós não sois obrigados a amá-los como a vós mesmos? Será que não entendeis isso? Não o podeis sentir?»

A luta pelos Direitos Humanos, no continente americano, iniciada pela comunidade religiosa dos Dominicanos dava seguimento à tradição dos Santos Padres e foi seguida por muitos cristãos e pessoas de boa vontade. Em 1891, com a encíclica **Rerum novarum**, o Papa Leão XIII reforçava esta posição que foi seguida pelo magistério romano (Quadragesimo Anno, Mater et Magistra, Pacem in Terris, Populorum Progressio, Laborem Exercens, Centesimus Annus etc.). O Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965, reforçou esta opção em vários documentos, com destaque para a Constituição **Gaudium et Spes**, que aprofunda a relação entre a Igreja e o mundo moderno.

O Conselho Episcopal Latino Americano, CELAM, em 1968, em Medellín, fez a **opção preferencial pelos pobres**, opção reconfirmada em Puebla, 1979; em Santo Domingo em 1992 e em 2007, em Aparecida. Puebla: *“as angústias de todos os membros do povo, qualquer que seja a sua condição social: sua solidão, seus problemas familiares, a falta de sentido que não poucos vêem na vida. E mais especialmente queremos, hoje, compartilhar as angústias que nascem de sua pobreza.”* (PU, 27). Afirmam que do *“coração dos vários países que formam a AL está subindo ao céu um clamor cada vez mais impressionante. É o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos.”* (PU, 87)

A Igreja quer trabalhar numa perspectiva de JPIC. Sensíveis aos apelos do Papa Francisco, quer assumir as propostas propostas contidas na Evangelii gaudium, na Amoris laetitia, na Laudato Sii e na Querida Amazônia, voltando a sua atenção para as interpelações de Deus no nosso tempo; ao grito da Mãe Terra, denunciando toda a exploração desenfreada e assumindo um processo de conversão ecológica.

Os cristãos querem escutar o clamor dos pobres e da justiça, denunciar a idolatria do dinheiro e do mercado e fomentar a inclusão social dos pobres, a justiça, a paz e a defesa da integridade da Criação. Querem atuar a partir de processos de transformação social, política, econômica e eclesial, crendo no sonho da paz e reconciliação, fomentando o sentido mais profundo da vida e o seu cuidado, saindo para as periferias humanas onde estão presentes as misérias materiais e existenciais, colaborando na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

2. A pobreza e exclusão exigem ações de JPIC

Sonhamos com um mundo mais justo e solidário e muitos homens e mulheres trabalham nos processos de transformação política e econômica. O continente americano passa por graves problemas que mantêm milhões de pessoas em situação de pobreza e miséria, que ficaram escancarados com a expansão do COVID 19. Problemas mantidos e consolidados por governos corruptos e descomprometidos, sejam eles de direita, centro ou esquerda.

Propomos, aos cristãos e pessoas de boa vontade, uma atuação na perspectiva da JPIC, que exige um olhar lúcido e crítico sobre a realidade. Uma ANÁLISE da realidade que se justifica:

- Por necessidade de eficácia; para evitar impulsos neuróticos dos agentes de pastoral (a análise ajuda a superar subjetivismos e impulsos impuros, protagonismos exibicionistas, imediatismos, espontaneísmos e instrumentalização.)

- Por razões teológicas: os sinais dos tempos são um 'lugar teológico', junto com a Bíblia e com o Magistério. Se não prestamos atenção na realidade, podemos nos colocar de costas ao Senhor que mostra a sua vontade.

- Por motivação espiritual: A contemplação leva-nos a descobrir o rosto sofredor de Cristo. A análise da realidade nos descobre as estruturas do pecado, que ao lançar multidões na miséria, impedem a humanidade de entoar o louvor do Senhor. (CF: VVAA. *Justicia, Paz e Integridad de la Creación*. Publicaciones Claretianas, Bogotá, 2000).

Apresento a seguir, de forma simples, sem querer fazer uma análise aprofundada da realidade contemporânea, alguns graves problemas que afligem nosso continente e exigem uma resposta articulada de todos:

- Milhões de vidas vulneráveis, excluídas e sobrantes, vítimas de um sistema político-econômico fundado na lei do lucro e do poder sem escrúpulos. A morte ronda e ameaça, diária e sistematicamente, a vida de milhões de "filhos e filhas de Deus".

- Uma situação de crise ética, política, econômica e cultural: o fim ou controle perverso do Estado pelo capitalismo liberal. As tão esperadas reformas nunca acontecem...

- A falta de políticas sociais, que provoca o aumento das desigualdades e a concentração de renda em níveis intoleráveis com "ricos mais ricos à custa de pobres cada vez mais pobres".

- O descuido com a saúde e a educação, gravemente ameaçadas com corte de verbas.

- O desafio de eliminar a corrupção, esse "câncer social", conforme o Papa Francisco.

- O crescente desemprego: mais 13 milhões de brasileiros, somados aos 28 milhões de subutilizados, e milhões na mesma situação no continente... Acrescente-se aqui a perda de direitos dos trabalhadores e operários.

- A violência cresce cada vez mais, fruto de um sistema que usa e desumaniza as pessoas.

- Os povos tradicionais, indígenas, ribeirinhos e quilombolas são cada vez mais ameaçados e suas terras são colocadas a serviço do mercado com mineradoras, madeireiras e agronegócio inescrupulosos.

- A crise política na América Latina, no ano de 2019, evidencia a alta desigualdade e polarização de alguns setores no Equador, Chile, Bolívia, Brasil, Argentina etc. Após o depois do boom das commodities, reapareceu a pobreza em sua face mais escandalosa.

- O uso das redes sociais que disseminam com rapidez o medo, raiva e informações equívocas, testemunham a realidade de democracias pobres, instituições fracas e desacreditadas.

- As necessárias reformas política, tributária e da previdência só se legitimam se feitas em vista do bem comum e com participação popular de forma a atender, em primeiro lugar, os pobres, “juízes da vida democrática de uma nação” (Exigências éticas da ordem democrática, CNBB – n. 72).

Enfim, a reforma que a JPIC preconiza, exige a constituição de autênticas organizações populares e instituições comprometidas com a defesa dos direitos humanos e do Estado Democrático de Direito. Queremos uma sociedade cujo desenvolvimento promova a democracia, preze a liberdade e a igualdade, respeite as diferenças, incentive a participação dos jovens, valorize os idosos, inclua os excluídos, acolha os migrantes, promova e defenda a vida em todas as suas formas, incluído o respeito à natureza, na perspectiva de uma ecologia humana e integral, na perspectiva de uma conversão ecológica, já que a IRMÃ TERRA *“clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos pensando que éramos e dominadores, autorizados a saqueá-la.* (Laudato Si’, n.2)

3. JPIC e Bíblia

A Bíblia, Palavra do Deus da Vida, ilumina as reflexões e ações de uma JPIC autenticamente cristã. A opção de Deus pelos pobres e sofredores é uma evidência da revelação bíblica. Na Sagrada Escritura vários textos mostram que o Deus de Jesus se preocupa e se ocupa com os pobres.

O livro do ÊXODO traz vários relatos, com destaque para: Ex 1, 8-22: opressão do faraó e crescimento do povo judeu. Ex 3, 7-8: “O Senhor disse: “eu vi, eu o sofrimento do meu povo que está no Egito e ouvi os seus clamores por causa de seus opressores. Sim, eu conheço seus sofrimentos. E desci para livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir do Egito para uma terra fértil e espaçosa, uma terra que mana leite e mel.”

Elias, modelo do profeta, audacioso e corajoso; amigo de Deus e vivia em sua presença e contemplava em silêncio sua passagem e proclamava a vontade Deus e defendia os direitos de Deus; defendia os pobres contra os poderosos do mundo (cf. 1Re 18-19).

Em Isaías podemos prefigurar como serão os novos tempos: Is 32, 15-17: “Até que sobre nós se derrame o espírito do alto, então o deserto se mudará em vergel, e o vergel tomará o aspecto de uma floresta; no deserto reinará o direito, e a justiça residirá no vergel. A justiça produzirá a paz e o direito assegurará a tranquilidade”. Os enviados do Senhor darão atenção especial aos mais pobres e sofredores: Is 61, 1-2: “O espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor me consagrou pela unção; enviou-me a levar a boa nova aos pobres, curar os corações doloridos, anunciar a redenção aos cativos e a liberdade aos prisioneiros”.

Jesus vai dar continuidade a este projeto divino, assumindo a encarnação no mundo a partir da situação de pobreza e exclusão. Ele prega um novo Reino, de justiça e paz, para todos, ricos e pobres; mas Ele o faz a partir do mundo dos excluídos e sobrantes, a partir dos ‘impuros’, a partir da Galiléia e das periferias de Jerusalém, centro do poder judaico e da dominação romana.

Em Lc 2, 7: Jesus nasce na periferia, em Nazaré. Maria “deu à luz seu filho primogênito e, envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria”.

Em Lucas 4, 16-22, na sinagoga de Nazaré, Jesus reafirma profecia de Isaías (boa nova anunciada aos pobres; libertação dos presos; recuperação da vista dos cegos; liberdade aos oprimidos) e assume a realização da mesma, “hoje se cumpriu este oráculo que acabais de ouvir”.

Em Lc 6, 20, no sermão da planície, afirma que os pobres são bem-aventurados e que o Reino de Deus é deles. E bem-aventurados os que tem sede e fome de justiça, os misericordiosos, os puros de coração os pacíficos e os que são perseguidos por causa da justiça (cf. Mt 5, 1-11).

Jesus afirma que serão benditos no reino de Deus, os que praticarem a caridade ativa (Mt 25, 35-36): “tive fome e me destes de beber, era peregrino e me acolhestes, nu e me vestistes, enfermo e me visitastes, na prisão e viestes a mim”. E não existe mandamento maior de Jesus do que este: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”. Jo 10,10. Eis alguns exemplos da opção preferencial de Jesus pelos pobres e excluídos, valorizados por Ele em vários textos (Mt 11,25-26; Lc 21,1-4; são bem-aventurados em Lc 6,20 e Mt 5,3). Jesus pede aos que o querem seguir que façam a opção pelos pobres (Mc 10,21) e pede que seus discípulos não tenham nem levem nada (Mt 10,9-10 e Lc 105).

Vejam agora como Jesus cuida e acolhe os pobres:

- Os discriminados: os impuros (Mc 2,16; Lc 7,37); os publicanos (Lc 18, 9-14; 19, 1-10); a adúltera acolhida (Jo 8,2-11); as prostitutas (Mt 21,31-32; Lc 7,37-50); as mulheres (Lc Lc 8,1-3; 23,49-55); a cananéia (Mc 7,24-30) os estrangeiros (Lc 7, 2-10); os samaritanos (Lc 10,33; 17,16); o ladrão na cruz (Lc 23,40-43); os famintos acolhidos (Mc 6,34; Mt 9,36 e alimentados em Jo 6,5-11).

- Os doentes: curados no sábado (Mc 3, 1-5; Lc 14,1-6); os cegos (Mc 8,22-26; Jo 9,6-7); os coxos (Mc 2,1-12; Mt 11,15); os possessos (Lc 11,14-20); os leprosos purificados (Mt 8,2-3; Lc 17,12 e Mc 1,40-45) (Cf.: Mesters C. Jesus, Formando e Formador, p. 48)

Concluindo, imagino que na Palavra de Deus está o fundamento da opção da Igreja e de cada cristão pelos mais humildes e pobres. Fazemos a opção pelos pobres e excluídos porque Deus fez esta opção. Porque Jesus expressou e assumiu isto em sua vida e ensinamentos. Impossível fundamento mais sólido.

4. A proposta de JPIC para a América

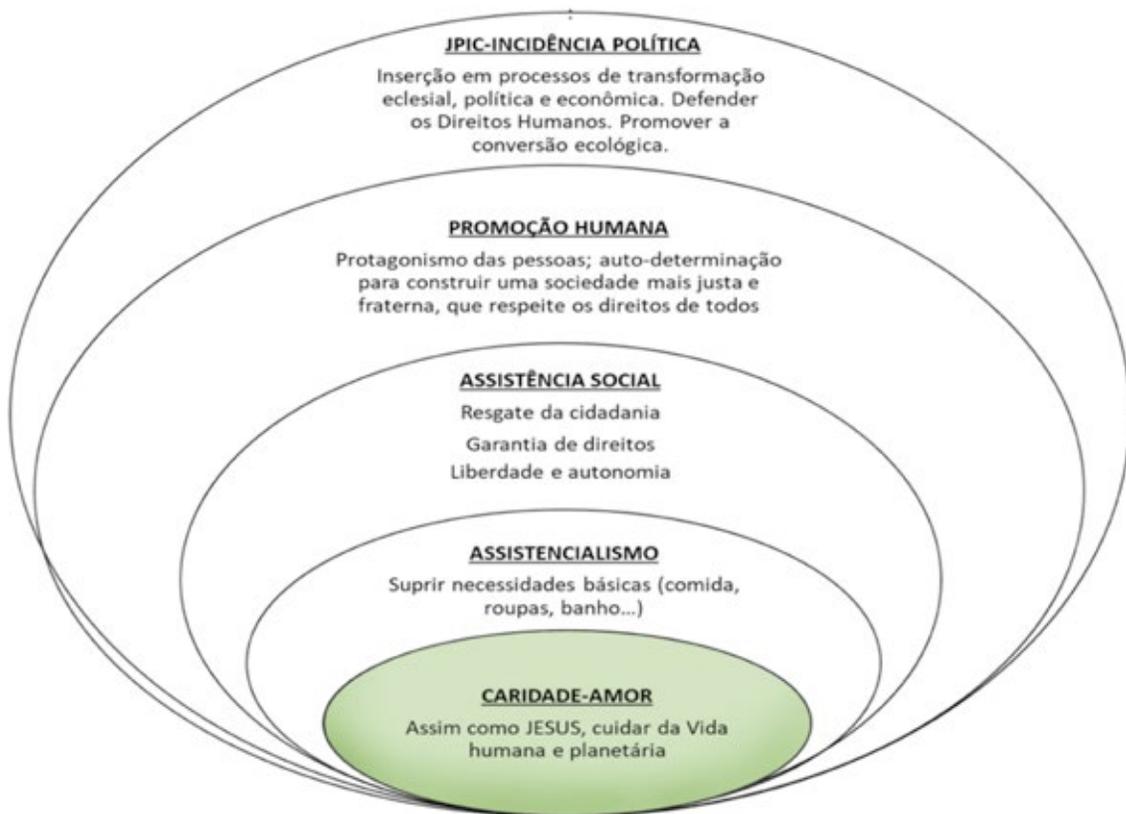
Todos são chamados a assumir a prática do AMOR a partir da proposta de Jesus e da Doutrina Social da Igreja: uma AMOR de conversão e de transformação da realidade, que gere uma sociedade mais justa e fraterna. As conferências do CELAM de Medellín e Puebla *“atualizaram a mensagem bíblica para AL. Alertaram para uma nova compreensão de pobre. Se trasladou o eixo da pobreza. Era vista sobre o aspecto da natureza: a pobreza vinha das carências ou catástrofes naturais: secas, más colheitas, terremotos, pestes, etc. Se a causa da pobreza é natural, cabe ao ser humano aceitá-la da mão de Deus e procurar pela generosidade dos mais agraciados, reduzi-la. Sobre este binómio se construiu o sistema caritativo da Igreja. Medellín e Puebla abrem os olhos para o aspecto político da pobreza. Em muitos lugares, não existe mais razão para uma pobreza natural. Já existem recursos suficientes para vencê-la. A pobreza é fruto da injustiça social. Não será eliminada pela simples caridade assistencialista, mas sim por uma transformação social, pela mudança das relações sociais. Pensar numa alternativa para uma situação econômica que se expande a partir de critérios não econômicos, é um dos maiores desafios para uma utopia na linha da opção pelos pobres. A pobreza injusta e a riqueza perdulária são os principais fatores e promotores da destruição de nosso planeta. Só a justiça que diminua a pobreza e reduza os limites do desperdício dos ricos poderá salvar os pobres e a terra.* (cf. J.B. LIBANIO. Renovar la Opción por los Pobres. In Revista CLAR, 1.2.2002, pp. 50-62).

As propostas de JPIC devem partir de uma visão crítica da realidade, superando a visão ingênua, pois é preciso perceber através das análises sociológicas e históricas, que a situação de pobreza é fruto de causas injustas e do pecado (Pu 28); assim é preciso deslocar-se para as periferias existenciais e matérias para anunciar a lógica do Reino.

A ação da JPIC visa a DEFESA dos que sofrem com as violações de direitos: empobrecidos; usuários de álcool, tabaco e outras drogas; os que vivem na prostituição; os que sofrem com a violência infantil; crianças sem proteção ou educação; juventudes; minorias étnicas, indígenas, quilombolas, ribeirinhos; mulheres que sofrem com violências; idosos desprotegidos; os que não tem moradia digna (sem-teto, moradores em situação de rua); o meio ambiente como fonte da vida; a sustentabilidade do meio ambiente; a economia solidária. Agirá contra qualquer forma de poder que iniba, proíba ou venha a violar o exercício de direitos pelo.

Diante disso, propomos uma abertura consciente, crítica e transformadora dos desafios existentes no continente americano. Esta opção é uma forma de olhar, resgatar e viver, preservando a dignidade, os direitos de todo ser humano e a beleza e integridade da criação de Deus (integração homem e natureza).

As propostas de JPIC devem partir de uma visão crítica da realidade, superando a visão ingênua, pois é preciso perceber através das análises sociológicas e históricas, que a situação de pobreza é fruto de causas injustas e do pecado (Pu 28). Assim é preciso deslocar-se para as periferias existenciais e materiais para anunciar a lógica do Reino, com mais persistência incansável, fidelidade martirial e criatividade profética. É isto o que propomos aprofundar a partir do esquema abaixo...



5. Processo da caridade à transformação política

“Bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça, pois serão saciados... Os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus...” Mt 5, 6 e 10

“Os tíbios, os infieis, os depravados, os homicidas, os impuros, os maléficis e os idólatras terão como quinhão o tanque ardente de fogo e enxofre, a segunda morte.” Ap 21, 8

Vivemos num mundo no qual milhões de pessoas não são respeitadas em sua dignidade. Faz parte da tradição cristã viver e praticar o *amor a Deus e aos irmãos*. A Igreja convida a todos a assumir este mandamento do Mestre Jesus, que deu a vida por amor. Mas, convida também, a todos os batizados e consagrados, a trabalhar para que toda forma de miséria seja superada e se transforme a realidade de pecado e injustiça. Os cristãos são chamados hoje, a desenvolver uma sensibilidade espiritual e carismática, fiel aos valores essenciais do Cristianismo, para que não fiquem insensíveis ao do grito dos pobres e sobrantes, das vítimas das violências urbanas e rurais e das intempéries da natureza, das vítimas das injustiças políticas e econômicas.

Os cristãos são convidados a se converter e a se transformar, para ajudar na transformação do mundo e na superação de toda forma de miséria e exclusão por isso, cada cristão, como batizado e *“discípulo missionário também sabe que não pode restringir sua solidariedade ao gesto imediato da doação caritativa. Embora importante e mesmo indispensável, a doação imediata do necessário à sobrevivência não abrange a totalidade da opção pelos pobres. Antes de tudo, esta implica convívio, relacionamento fraterno, atenção, escuta, acompanhamento nas dificuldades, buscando, a partir dos próprios pobres, a mudança de sua situação e transformação social.”* (DGAEI, 67. CNBB, 2011).

É importante agir de tal modo que a caridade nos leve a assumir compromissos de promoção humana e transformação social, econômica, política e religiosa. Assim, proponho alguns passos para realmente construirmos processo de justiça e paz, que sejam transformadores e libertadores.

5.1 Caridade e amor

“Amai-vos uns aos outros, como eu vos amo. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos.” Jo 15,12

“Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade. Mas, a maior delas é a caridade.” I Cor, 12, 13

Deus caritas est. Deus é amor. Jesus pediu aos seus seguidores que amassem a Deus e ao próximo. Assim, cada cristão também é convidado a ser expressão do amor de Deus no mundo, pois para a *“Igreja, a caridade não é uma espécie de atividade de assistência social que poderia mesmo deixar para os outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável de sua própria essência. Daí, ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres implica a ‘fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza... Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros.”* (DGAEI 66)

5.2 Assistência social

“Sede misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.” Lc 6, 36

“O JUÍZO FINAL. Vinde benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes até mim.” Mt 25, 34-36

A Assistência Social é um direito do cidadão, cujo objetivo é *“garantir o atendimento às necessidades básicas de proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e a prevenção da incidência de riscos, especialmente a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice.”* (Lei 87242/93, BR). Neste sentido, além das ações do Estado, estão presentes ações da sociedade civil, igrejas e congregações religiosas, que auxiliam neste processo de atendimento aos mais necessitados.

A caridade cristã se torna serviço em todas as situações de miséria, existenciais e materiais, do mundo atual. Como discípulo missionário do Senhor, cada cristão se torna *“alguém que sonha e se compromete com um mundo onde seja, efetivamente, reconhecido o direito a nascer, crescer, constituir família, seguir uma vocação, envelhecer e morrer naturalmente, crer e manifestar a sua fé.”* (DGAEI 65).

De modo especial, o discípulo missionário apoia a Igreja e todas as iniciativas da sociedade civil quando ocorrem situações de emergência e catástrofes, quando uma pessoa necessitada precisa de ajuda ou apoio numa situação emergencial... Tal como, no número 15 da *Misericordiae Vultus*. O rosto da Misericórdia, o Papa Francisco convidava todos a praticar as Obras de Misericórdia.

- Obras de misericórdia corporal (*dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos*).

- Obras de misericórdia espiritual (*aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos*).

Quanto à prática das Obras de Misericórdia, o Papa Francisco, na mensagem na Celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, no dia 11\11\2016, convidava os cristãos e pessoas de boa vontade a praticar as Obras de Misericórdia, as espirituais e corporais e, além disso, nos propunha, no n. 5 da mensagem a obra de misericórdia do cuidado da criação.

«Nada une mais a Deus do que um ato de misericórdia (...), quer se trate da misericórdia com que o Senhor nos perdoa os nossos pecados, quer se trate da graça que nos dá para praticarmos as obras de misericórdia em seu nome». Obviamente, a «vida humana na sua totalidade» inclui o cuidado da casa comum. Por isso, tomo a liberdade de propor um complemento aos dois elencos de sete obras de misericórdia, acrescentando a cada um o cuidado *da casa comum*. Como obra de misericórdia espiritual, o cuidado da casa comum requer *«a grata contemplação do mundo»*, que *«nos permite descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer transmitir através de cada coisa»*. Como obra de misericórdia corporal, o cuidado da casa comum requer aqueles *«simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo»* e se manifesta o amor *«em todas as ações que procuram construir um mundo melhor»*.

5.3 Promoção humana

“Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.” Mt, 5, 5

“Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância.” Jo 10,10

O cristão é convocado a denunciar a idolatria do dinheiro e do mercado, a fomentar a inclusão social dos pobres, o diálogo, a paz, a justiça e a defesa da integridade da Criação. O verdadeiro amor é aquele que atende as necessidades do que vive na miséria e que o ajuda a encontrar o caminho para uma vida saudável, digna e auto-sustentável. É importante defender a educação básica e superior de qualidade e também, condições dignas de trabalho, para formar pessoas que consigam sustento e vida digna. Também não se pode negar ou subestimar o direito que cada cidadão tem no tocante aos cuidados de saúde, da sua concepção até a sua morte. É lamentável a situação da saúde pública na maioria dos países e a forma como muitos planos de saúde com qualidade só estão a serviço das elites. Também lamentamos a perda da qualidade de vida na família e na sociedade que afetam de modo negativo crianças, adolescentes e jovens, gerando pessoas com inúmeros problemas psico-afetivos e sociais, que muitas vezes perdem o encanto da vida e vão buscar a solução no mundo das drogas e em estilos de vida consumistas, hedonistas e criticáveis.

A Igreja convida seus fiéis a praticar o serviço testemunhal à vida, *“de modo especial, à vida fragilizada e ameaçada, é a mais forte atitude de diálogo que o discípulo missionário pode e deve estabelecer com uma realidade que sente a negação da primazia do ser humano e o peso da cultura da morte.”* (DGAEI 70)

5.4 Restauração e resgate

“O Espírito do Senhor está mim, porque me ungiu; e me enviou para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, a liberdade os cativos, e publicar o ano da graça do Senhor.” Lc 4, 18-19

O discípulo missionário é chamado a ser sinal e ação de restauração de cada ser humano, manchado em sua dignidade, pelas mais diversas formas de violência do mundo atual. Como também, é chamado a uma “conversão ecológica”, incutindo em cada um a lógica do amor solidário contra toda espécie de egoísmo, um estilo de vida sóbrio contra toda espécie de consumo exacerbado. É preciso restaurar o respeito à vida digna, saudável, equilibrada, simples, alegre frugal e pacífica.

Nossos bispos nos convidam a contemplar *“os diversos rostos de sofredores, especialmente os ‘resíduos e sobras’, o discípulo missionário enxerga, em cada um, o rosto de seu Senhor: chagado, destrozado, flagelado (Is 52, 13ss). Seu amor por Jesus Cristo, o Cristo crucificado, leva-o a buscar o Mestre em meio às situações de morte (Mt 25, 31-46). Leva-o a não aceitá-las, sejam elas quais forem, envolvendo-se na preservação da vida... Não se cala diante da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé.* (DGAEI 65)

5.5 Transformação e libertação

“Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados... Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.” Mt 5, 6.10

É necessário que cada cristão se sinta comprometido na construção de um mundo melhor para todos, superando assim as injustiças, as propostas de corrupção, os erros dos sistemas políticos corporativistas e elitistas. O verdadeiro amor conduz o cristão a ir além das obras assistenciais e promover a vida em plenitude, envolvendo-se na luta pelos direitos humanos, pela justiça, pela paz, pelo cuidado e integridade da criação e a assumir uma atitude de incidência política, participando de iniciativas políticas, sociais e econômicas que visam a real transformação do mundo e sua adequação ao Reino de Deus.

É imprescindível assumir processos de educação e de um estilo de vida saudável e honesto, que tenha a verdade e a dignidade como valores superiores, que conduzam a humanidade a relações políticas e econômicas mais maduras e acessíveis ao homem todo e a todos os homens. Como afirma J.D. PASSOS, *“a criação de novos modos de vida é, portanto, fundamental para desencadear mudanças globais. A conversão e a educação, no fundo, são mudanças políticas... É a transformação do comportamento que vai criando uma nova cultura, antes que chegue a mudança político-estrutural (LS 211).”* (PASSOS, J.D. *A Igreja em Saída e a Casa Comum*, p. 189).

Aqui, a dimensão profética convida todos a anunciar a beleza da justiça e da paz e a denunciar todos os projetos do anti-Deus e do anti-Reino do amor e da paz. E a espiritualidade martirial será assumida onde for necessário, pois a construção do Reino também passa pela cruz e pela vida doada a serviço do amor e da justiça. Neste momento, quero recordar o Papa Francisco, na *Misericordiae vultus*, n. 19, quando falava do combate à corrupção. *“Corruptio optimi pessima: dizia, com*

razão, São Gregório Magno, querendo indicar *que ninguém pode sentir-se imune desta tentação. Para erradicá-la da vida pessoal e social são necessárias prudência, vigilância, lealdade, transparência, juntamente com a coragem da denúncia. Se não se combate abertamente, mais cedo ou mais tarde torna-nos cúmplices e destrói-nos a vida.*”

Quanto ao envolvimento dos católicos no mundo da política, os bispos do Brasil afirmam que a Igreja Católica, *“reconhece a importância da atuação no mundo da política e incentiva os leigos e leigas, especialmente os jovens, à participação ativa e efetiva nos diversos setores voltados para a construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário... para que atuem nos movimentos sociais, conselhos de políticas públicas, associações de moradores, sindicatos, partidos políticos e outras entidades, sempre iluminados pelo Ensino Social da Igreja.”* (DGAEI, 68)

Quanto à Integridade e ao cuidado da Criação, o Papa Francisco, na mensagem na Celebração do Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, no dia 1\11\2016, no n. 4, afirmava que *“o propósito de mudar de vida deve permear a maneira como estamos a contribuir para a construção da cultura e da sociedade a que pertencemos: de facto, «o cuidado da natureza faz parte dum estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão».[17] A economia e a política, a sociedade e a cultura não podem ser dominadas por uma mentalidade de curto prazo nem pela busca de imediato benefício financeiro ou eleitoral. Pelo contrário, aquelas devem ser urgentemente reorientadas para o bem comum, que inclui a sustentabilidade e o cuidado da criação. A proteção da casa comum requer um consenso político crescente. Neste sentido, é motivo de satisfação o fato de que, em setembro de 2015, as nações da terra adotaram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e, em dezembro de 2015, aprovaram o Acordo de Paris sobre as mudanças climáticas, que se propõe o difícil, mas fundamental objetivo de conter a subida da temperatura global. Agora, os governos têm o dever de respeitar os compromissos que assumiram, enquanto as empresas devem responsabilmente cumprir a sua parte, e cabe aos cidadãos exigir que isto aconteça e também se aponte para objetivos cada vez mais ambiciosos. Assim, mudar de rumo consiste em «respeitar escrupulosamente o mandamento primordial de preservar a criação de todo o mal, tanto para o nosso bem como para o bem de outros seres humanos». Há uma pergunta que nos pode ajudar a não perder de vista este objetivo: «Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?»*

Importante recordar aqui, que neste evento o Papa Francisco convidava os cristãos e pessoas de boa vontade a praticar as Obras de Misericórdia, as espirituais e corporais e, além disso, nos pro-punha, no n. 5 da mensagem a obra de misericórdia do cuidado da criação.

«Nada une mais a Deus do que um ato de misericórdia (...), quer se trate da misericórdia com que o Senhor nos perdoa os nossos pecados, quer se trate da graça que nos dá para praticarmos as obras de misericórdia em seu nome». Obviamente, a «vida humana na sua totalidade» inclui o cuidado da casa comum. Por isso, tomo a liberdade de propor um complemento aos dois elencos de sete obras de misericórdia, acrescentando a cada um o cuidado da casa comum. Como obra de misericórdia espiritual, o cuidado da casa comum requer «a grata contemplação do mundo», que «nos permite descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer transmitir através de cada coisa». Como obra de misericórdia corporal, o cuidado da casa comum requer aqueles «simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo» e se manifesta o amor «em todas as ações que procuram construir um mundo melhor».”

Conclusão

Viver e atuar numa dinâmica de JPIC é um convite cristológico e eclesial que pode ser contemplado na vida de cada cristão, que pode assumir várias atitudes ou opções...

- Promover uma profunda revisão de posições pessoal e comunitária, optando por iniciativas criativas e inovadoras de evangelização que nos levem às periferias humanas e aos novos cenários do diálogo profético.
- Buscar uma verdadeira conversão pastoral, segundo cada contexto, estando atentos à opção pelos pobres e excluídos e aos processos de transformação social e eclesial.
- Aprofundar e atualizar o compromisso insubstituível da defesa e o cuidado da vida, a família, as culturas, os povos e a criação.
- Buscar formas e novos meios de articular processos de multiplicação de lideranças para uma Igreja em saída, inclusiva, participativa, corresponsável e comprometida com a transformação eclesial, política e econômica.
- Promover ações e estudos que levem todos a analisar e refletir sobre a realidade e os processos geradores de miséria e exclusão.
- Incentivar mais a solidariedade em todas as áreas da sociedade americana, dando maior visibilidade às ações da JPIC e das instituições que trabalham em vista de um mundo melhor.
- Favorecer compromissos de acolhida e acompanhamento de pessoas e grupos de empobrecidos e excluídos, promovendo processos de inclusão e transformação social.
- Assumir uma postura de incidência política participativa e transparente.
- Utilizar os meios de comunicação que temos para promover e articular projetos de JPIC.
- Assumir um processo de conversão ecológica e um estilo de vida mais simples e frugal e uma educação ecológica, que é indissociável da educação para o consumo, que por sua vez é indissociável da educação política.

Perguntas para reflexão

- Como assumir a proposta de conversão e gestos concretos para cuidar mais da Casa Comum?
- Assumimos o compromisso de mudar o nosso estilo de vida consumista e predador para viver com frugalidade e simplicidade?
- Estamos dispostos a defender a integridade da Criação e lutar por isso?
- Que propostas de reflexão e ação em JPIC podem ser assumidas por cada pessoa e grupos sociais?
- Com quais grupos e instituições se pode trabalhar em conjunto e parcerias para se integrar mais nos projetos de transformação política e econômica?

Referências

Papa Francisco. (2015). *Misericordiae Vultus*. SP: Paulus-Loyola.

Papa Francisco. *Laudato Si'*. SP: Paulinas, 2015.

Papa Francisco. (2016). *Amoris Laetitia*. Brasília: CNBB.

CNBB. (2015). *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. SP: Paulinas.

Libanio, J.B. (2012). *Cenários da Igreja. Num mundo plural e fragmentado*. SP: Loyikam.

Mesters, C. (2012). *Jesus, Formando e Formador*. São Leopoldo: CEBI.

Passos, J. D. (2016). *A Igreja em Saída e a Casa Comum*. SP; Paulinas.

VVAA. (2000). *Justicia, Paz e Integridad de la Creación*. Publicaciones Claretianas, Bogotá.